

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Combate entre dissidentes das Farc agita as eleições presidenciais

/ COLÔMBIA

A Colômbia elegerá um novo presidente no próximo domingo, em uma disputa que tem sido apresentada como um referendo sobre as políticas do atual presidente do país, Gustavo Petro, - sobretudo sua controversa iniciativa de "paz total", que busca negociar com os grupos rebeldes remanescentes no país. Segundo a maioria das avaliações dos eleitores, a violência ligada a grupos armados piorou sob o governo Petro.

De acordo com a Missão de Observação Eleitoral da Colômbia, 386 municípios - cerca de um terço do país - estão vulneráveis à violência de grupos armados ilegais, e dados do think tank Fundação Ideias para a Paz indicam que aproximadamente 27 mil pessoas continuam em armas em todo o território nacional.

Pelo menos três dias de combates entre grupos dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Co-

lômbia (Farc) deixaram dezenas de mortos na zona central nesta quinta-feira. A onda de violência, que começou na última segunda, deve repercutir até o dia da votação deste domingo - a insegurança foi uma dos principais temas da campanha.

Uma divisão clara surgiu entre os candidatos. De um lado, estão os que defendem continuar o diálogo com grupos ilegais, como o senador Iván Cepeda, do movimento político de Petro. Do outro, estão os que dizem que vão desmontar esse tipo de esforço e priorizar a pressão militar, como a senadora Paloma Valencia, do opositorista Centro Democrático, e Abelardo de la Espriella, que se declara admirador do presidente de El Salvador, Nayib Bukele, e prometeu endurecer o combate aos grupos armados ilegais.

Elizabeth Dickinson, analista sênior do International Crisis Group, acredita que a violência pode piorar se um candidato mais linha-dura for eleito.

EUA e Irã chegam a acordo preliminar sobre cessar-fogo

Trégua de 60 dias deve focar no urânio enriquecido pelos iranianos

/ ORIENTE MÉDIO

Estados Unidos e Irã chegaram a um acordo preliminar para um memorando de entendimento de 60 dias que prevê a extensão do cessar-fogo e o início de negociações sobre o programa nuclear iraniano, mas o presidente Donald Trump ainda não deu aprovação final ao texto, segundo autoridades americanas ouvidas pela Axios.

De acordo com a reportagem, o memorando estabelece que a navegação pelo Estreito de Ormuz será "irrestrita", o que inclui a ausência de tarifas e de ataques e assédio a embarcações comerciais. Autoridades americanas disseram à Axios que o Irã também terá de remover todas as minas marítimas da região em até 30 dias.

Ainda segundo o veículo norte-americano, o bloqueio naval imposto pelos EUA será gradualmente suspenso, em linha com a retomada do fluxo comercial pelo Estreito. O documento também incluiria um compromisso iraniano de não buscar armas nucleares.

As negociações previstas para a janela de 60 dias devem começar discutindo o destino do urânio altamente enriquecido do Irã e os limites para o enriquecimento nuclear iraniano. Em troca, os EUA se comprometeriam a discutir alívio de sanções e a liberação de recursos iranianos congelados no exterior, além de mecanismos para facilitar o envio de bens e ajuda humanitária ao país.



KENT NISHIMURA/AFP/IC

Pacto ainda precisa da aprovação do presidente Donald Trump

Segundo a Axios, autoridades americanas afirmaram que os termos do acordo estavam praticamente fechados desde terça-feira, mas ainda dependiam de aval político dos dois lados. Os iranianos teriam informado posteriormente que já possuíam as aprovações necessárias para assinar o entendimento, embora Teerã não tenha confirmado a informação.

Os negociadores norte-americanos apresentaram os detalhes do acordo a Trump, que pediu alguns dias para refletir antes de tomar uma decisão final. "O presidente comunicou aos mediadores que quer alguns dias para pensar", disse uma autoridade americana à Axios. O veículo ressalta que Trump e seus assessores já acreditaram, em outros momentos da guerra, estar próximos de um acordo, mas nenhuma negociação

avançou até a conclusão.

O republicano tem dado declarações contraditórias nos últimos dias, ora insinuando que um acordo está próximo, ora dizendo que a guerra, que já dura três meses, vai continuar por "mais um tempo" - quando iniciou o conflito contra o Irã ao lado de Israel, Trump prometeu que ele duraria, no máximo, seis semanas.

Ao mesmo tempo, o presidente está sob pressão de aliados no Partido Republicano que são contrários a qualquer acordo de paz que não inclua a retirada ou destruição do urânio enriquecido do Irã. O senador Lindsey Graham disse que se a guerra chegar ao fim enquanto o país persa "ainda possuir a capacidade de destruir infraestrutura petrolífera dos países do Golfo, o Irã será uma força dominante que necessitará uma solução diplomática.



Putin abre nova e perigosa fase na Guerra da Ucrânia

/ GUERRA NA UCRÂNIA

A decisão anunciada pelo governo de Vladimir Putin de escalar a guerra aérea contra Kiev coloca a Guerra da Ucrânia, iniciada pelo presidente russo há quatro anos e três meses, à beira de uma nova e perigosa fase. Desde segunda-feira, quando a chancelaria russa pediu que estrangeiros deixassem a capital ucraniana, pois seriam alvejados centros de decisão, algo inédito até aqui, o clima é de expectativa de no mínimo a repetição do ataque da véspera, que empregou até dois supermísseis Orechnik.

Diretor de um dos mais pres-

tigiosos institutos de estudos militares da Rússia, o privado Centro de Análise de Estratégias e Tecnologias, Ruslan Pukhov é insuspeito de simpatias ocidentais, mas adota um tom realista pouco ouvido no país de Putin. "A Rússia optou por continuar e aprofundar a guerra, já que Putin aparentemente ainda acredita que pode alcançar seus objetivos maximalistas - o que aparentemente implica estabelecer um protetorado sobre toda a Ucrânia", afirmou.

Para Pukhov, a maior intensidade dos ataques com drones ucranianos, inclusive no episódio em que 21 estudantes foram mortos em um dormitório, obri-

gou "as autoridades a fazer algo que possa ser apresentado com uma resposta".

Putin vinha celebrando avanços. O ano passado marcou seu maior ganho de território desde que recuou da tentativa de tomar Kiev na aurora do conflito, mas a situação foi equilibrada neste ano.

Kiev recuperou terreno em alguns pontos, ainda que a Rússia siga conquistando uma vila aqui, outra acolá todos os dias. Com isso, na avaliação do Instituto para Estudo da Guerra (EUA), há uma janela até para uma tentativa mais ousada das forças de Volodymyr Zelensky.